

DISGRAFIA E DISORTOGRAFIA: UM ESTADO DA ARTE

Danniele Silva do Nascimento¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar em linhas gerais a problemática da Disgrafia e da Disortografia e fazer um levantamento dos artigos e pesquisas – monografias, dissertações e teses – que versam sobre estes déficits, elaborando um panorama geral das discussões em torno deles. A disgrafia e disortografia são transtornos de escrita e se apresentam em crianças com capacidades intelectuais típicas ou atípicas. É possível constatar que tais comorbidades, embora muito presentes em contexto escolar, são pouco abordadas em âmbito acadêmico, principalmente se compararmos os estudos voltados a elas com os estudos referentes à dislexia, por exemplo, que é uma deficiência de natureza sensorial semelhante. Para sistematizar este estudo, selecionamos 16 estudos, publicados nos últimos 17 anos e aplicamos uma metodologia qualitativo-interpretativista, em que discutimos a bibliografia e procuramos analisar a relevância e a contribuição dessas pesquisas para a nossa futura investigação.

Palavras-chave: Disgrafia; Disortografia; estado da arte

INTRODUÇÃO

A disgrafia e disortografia são transtornos de escrita e se apresentam em crianças e ou adultos com capacidades intelectuais típicas ou atípicas. Ambas as dificuldades pertencem ao grupo de comorbidades classificadas como “transtornos de aprendizagem” ou, segundo o DSM-5, “Transtorno específico de aprendizagem”.

Segundo RODRIGUES et. al. (2009) a disgrafia pode ser definida como “a incapacidade do indivíduo produzir uma escrita culturalmente aceitável, apesar de possuir nível intelectual adequado, receber a devida instrução e ser submetido ao mesmo processo de prática da escrita no decorrer de sua formação acadêmica.”. Além disso, a disgrafia também se configura como uma perturbação motora no ato da escrita, sendo um problema sensório-motor e não intelectual. Crianças com disgrafia tendem a ser mais lentas no ato de escrever, grafar letras ilegíveis, não

¹ Possui graduação em Letras -Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (2013), Especialização em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (2015) e mestrado em Formação de professores pela Universidade Estadual da Paraíba (2017). Atualmente, integra o grupo de pesquisa Linguagem, Interação, Gêneros Textuais e/ou Discursivos (LITERGE -UEPB) e é doutoranda em Aquisição da linguagem (Proling -UFPB). Além disso, é professora efetiva de Língua Portuguesa nos municípios de Alhandra e Cabedelo (PB). Email: danniele91@gmail.com

conseguir uma organização espacial satisfatória do texto e inserir espaçamento ausente ou excessivo no decorrer do texto. Além dessas características, crianças com disgrafia também costumam inverter letras (escrever de maneira espelhada) e também números (trocar 2 por 5, por exemplo).

Não existem causas específicas para a disgrafia, ela pode ocorrer no desenvolvimento natural da criança ou, em poucos casos, ser adquirida por meio lesão craniana. Outra distinção importante a ser feita sobre a disgrafia é que ela pode ser perceptiva ou motora. Na disgrafia perceptiva, a criança tem dificuldade de identificar as letras e os sons os quais elas representam; enquanto na disgrafia motora, a criança identifica as letras e os sons aos quais elas estão associadas, entretanto não conseguem grafá-las.

Já a disortografia, de acordo com PEREIRA (2009, p. 9), pode ser definida “como uma perturbação que afeta as aptidões da escrita e que se traduz por dificuldades persistentes e recorrentes na capacidade da criança produzir textos”. A disortografia, assim como a disgrafia, é um problema perceptual e motor. Uma criança com disortografia tende a trocar letras de fonemas iguais ou muito parecidos, como trocar /x/ por /ch/, /s/ por /z/, dentre outras trocas. É importante ressaltar que na disortografia existe uma regularidade dos desvios, ou seja, um padrão. Uma criança com esta dificuldade não trocará consoantes com fonemas articulados de forma muito distinta. Outro aspecto importante é que esta perturbação da aprendizagem não é um problema de natureza pedagógica, ou seja, independente dos métodos aplicados pelos docentes, a criança persistirá cometendo os mesmos desvios ortográficos.

Esclarecidas as definições das dessas duas inabilidades, julgamos necessário clarificar o recorte temático e estrutural que nos guiou na escrita deste artigo, o qual tem como objetivo apresentar em linhas gerais a problemática da Disgrafia e da Disortografia e fazer um levantamento dos artigos e pesquisas – monografias, dissertações e teses – que versam sobre estes déficits, elaborando um panorama geral das discussões em torno deles em caráter de estado da arte. Escolher discutir estas duas comorbidades justifica-se pelo fato de que, embora muito presentes em contexto escolar, elas são pouco abordadas em âmbito acadêmico e são poucos os professores da educação básica que conhecem estes fenômenos. Além disso, compreendemos que é de extrema importância nos curvarmos em torno das pesquisas já existentes sobre o tema para que saibamos em que nível estão as discussões acerca dele e em que direção os debates sobre esses déficits concorrem. Desta forma, poderemos delimitar com mais certeza os objetivos de nossa futura pesquisa, a qual versará acerca do mesmo tema.

METODOLOGIA

O estado da arte é um tipo de metodologia de pesquisa que consiste numa revisão bibliográfica de textos que versam sobre um mesmo tema. Como já mencionamos, consideramos essencial, ao pesquisar um problema, identificar quais teorias, discussões e experimentos já foram executados em relação a ele. Segundo FERREIRA (2002), as pesquisas em estado da arte trazem

o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p.258)

Vale lembrar que pesquisas desse tipo são descritivas e qualitativas, pois análise se dá por meio da descrição e análise dos textos, sem caráter quantitativo. Para investigar a já referida problemática e perceber sua relevância acadêmica e social, buscamos, nas principais plataformas acadêmicas e repositórios das universidades mais importantes do país – como Scielo, Google Acadêmico e CAFE (Comunidade acadêmica federada) – estudos, grupos e pesquisadores voltados ao assunto. Interessou nos saber quem está pesquisando e qual enfoque é dado a essa investigação. Como palavras-chave para sabermos o estado da arte, utilizamos “disgrafia”, “disortografia” e “escola”. Vale destacar que selecionamos artigos, monografias, dissertações e teses defendidos nos últimos dezessete anos — a saber, mais especificamente, entre 2003 e 2016 —, visto que trazem uma discussão mais atualizada da questão. Entre 2017 e 2020 não foram encontradas publicações consideradas relevantes para a nossa discussão, isto é, que tivessem como foco as Disgrafia e a Disortografia. Ao todo, foram 16 produções escritas apenas em língua portuguesa, sendo provenientes de Brasil e Portugal.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Nesta seção, faremos uma breve explanação dos materiais mais expressivos quanto à temática encontrados para este artigo. Encontramos vários artigos que citavam os referidos déficits, entretanto decidimos tecer considerações apenas sobre aqueles que têm como tema central a Disgrafia e a Disortografia. Para visualizarmos melhor os resultados dessa busca, elencamos os trabalhos por ano, do mais antigo ao mais recente, e dispusemos as informações básicas deles no quadro abaixo:

Autores	Título	Natureza	Ano de publicação
FÁVERO, Maria Teresa Martins; CALSA, Geiva Carolina	As razões do corpo: Psicomotricidade e disgrafia	Artigo	2003
CALDEIRA, Elisabeth; CUMIOTTO, Dulce M. L. de Oliveira	Dislexia e disgrafia: Dificuldades na linguagem	Artigo	2004
ZORZI, Jaime Luiz	Alterações ortográficas nos transtornos de aprendizagem	Artigo	2006
ZORZI, Jaime Luiz; CIASCA, Sylvia Maria	Caracterização dos erros ortográficos em crianças com transtornos de aprendizagem	Artigo	2008
ZORZI, Jaime Luiz; CIASCA, Sylvia Maria	Análise de erros ortográficos em diferentes problemas de aprendizagem	Artigo	2009
RODRIGUES, Sônia das Dores; CASTRO, Maria José Martins Gomes de; CIASCA Sylvia Maria	Relação entre indícios de disgrafia funcional e desempenho acadêmico	Artigo	2009
FERNÁNDEZ, Amparo Ygual; MÉRIDA, José Francisco Cervera; CUNHA, Vera Lúcia Orlandi; BATISTA, Andrea Oliveira; CAPELLINI, Simone Aparecida	Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: Revisão da literatura	Artigo	2010
AFONSO, Maria de Lurdes Peixoto	Disortografia: compreender para intervir	Dissertação	2010
CAPELLINI, Simone Aparecida; COPPEDE, Aline Cirelli; VALLE, Talita Regina	Função motora fina de escolares com dislexia, distúrbio e dificuldades de aprendizagem	Artigo	2010
OKUDA, Paola Matiko Martins; PINHEIRO, Fábio Henrique; GERMANO, Giseli Donadon; PADULA, Niura Aparecida de Moura Ribeiro; LOURENCETTI, Maria Dalva; SANTOS, Lara Cristina Antunes dos; CAPELLINI, Simone Aparecida.	Função motora fina, sensorial e perceptiva de escolares com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade	Artigo	2011
LOPES, Raquel Caroline Ferreira; CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro.	Estudo analítico do conhecimento do professor a respeito dos	Artigo	2013

	distúrbios de aprendizagem		
MARTINS, Marielza Regina Ismael; BARTOS, José Alexandre; CECATO, Angela Traldi; ARAUJO, Maria de Lourdes Souza; MAGRO, Rafael Ribeiro; ALAMINOS, Vinícios.	Rastreio de disgrafia motora em escolares da rede pública de ensino	Artigo	2013
CASAL, Carlos Jorge Ferreira	Disortografia: a escrita criativa na reeducação da escrita	Dissertação	2013
MAGALHÃES, Aniuzo	Disgrafia: causas e estratégias de correção no ensino/aprendizagem	TCC	2015
ALMEIDA, Gleide Viviani Maciel; KOZLOWSKI, Lorena de Cássia; MARQUES, Jair Mendes	Alterações da linguagem escrita de escolares em fase de alfabetização na visão de professores	Artigo	2015
PENTEADO, Jovana De Oliveira Amorim; PADIAR, Gláucia Roberta	A disortografia como dificuldade de aprendizagem específica	Artigo	2016

O artigo “*As razões do corpo: Psicomotricidade e disgrafia*”, publicado em 2003, versa sobre a relação entre e disgrafia. A psicomotricidade, segundo GIBELLI (2014), “é a ciência que estuda o homem através de seu corpo em movimento, suas relações internas e externas” e está associada ao desenvolvimento escolar, como o desenvolvimento da escrita. As autoras FAVERO e CALSA (2003) fazem um recorte de uma pesquisa de mestrado em que elas coletaram dados de crianças de 3º série do ensino fundamental; nesta pesquisa, elas fizeram uma avaliação psicomotora e um teste de avaliação de dificuldades de aprendizagem, ambos adaptados de métodos já correntes no âmbito dos estudos de déficits de aprendizagem. O artigo traz as conclusões preliminares da pesquisa que, mesmo incompleta, já mostra como o desenvolvimento da psicomotricidade interfere no desenvolvimento da escrita.

Já em 2004 foi publicado o artigo “*Dislexia e disgrafia: Dificuldades na linguagem*” por CALDEIRA e CULMIOTTO. Neste estudo, as autoras discutem as especificidades dos distúrbios de linguagem oral (a dislexia) e de escrita (a disgrafia), dando ênfase aos tipos de dislexia – acústica, visual e motriz – e aos instrumentos que podem ser usados para estratégias de ensino para alunos com esta comorbidades. Além disso, o artigo também focaliza a disgrafia e seus tipos: de superfície, fonológica e profunda. CALDEIRA e CULMIOTTO (2004) ressaltam a importância em orientar e oferecer esclarecimentos aos pais das crianças com esses distúrbios, bem como a necessidade de cursos de formação e continuada para professores a fim

de que, assim, eles venham incluir mais efetivamente os alunos com estas comorbidades. Consideramos este artigo importante para a discussão dos temas, visto que, além de dar um panorama geral acerca da disgrafia, ainda a relaciona com a dislexia. Vale destacar que nem sempre a disgrafia está associada à dislexia. Indivíduos com dislexia costumam desenvolver também a disgrafia, entretanto a dislexia não é fator determinante para a disgrafia, pois ela pode se manifestar mesmo sem a presença da dislexia.

Outro estudo que consideramos importante para conhecermos o estado da arte em relação aos transtornos que circundam o desenvolvimento da escrita é o artigo intitulado “*Alterações ortográficas nos transtornos de aprendizagem*” de ZORZI (2006). Nesta pesquisa, o autor analisou os escritos de um grupo de 44 sujeitos entre 7 e 16 anos de idade, que apresentavam algum tipo de comprometimento da escrita. Neste estudo, o autor elencou a quantidade e a natureza dos desvios ortográficos encontrados, comprovando como, embora pouco discutidos na literatura acadêmica, os referidos transtornos de aprendizagem estão bastante presentes em ambiente escolar. Nos anos posteriores, ZORZI, junto a CIASCA, ampliou a discussão sobre desvios ortográficos em dois artigos: “*Caracterização dos erros ortográficos em crianças com transtornos de aprendizagem*” (2008) e “*Análise de erros ortográficos em diferentes problemas de aprendizagem*” (2009).

No primeiro, os autores quantificaram e classificaram desvios ortográficos de 69 sujeitos que passaram pelo processo diagnóstico do Laboratório de Distúrbios de Aprendizagem do Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (DISAPRE) e que foram diagnosticados com algum tipo de problema de aprendizagem. As idades das crianças variam entre 8 e 10 anos. Os autores constataram que o encaminhamento escolar de crianças com problemas de aprendizagem tende a aumentar de acordo com o correr dos anos escolares, atingindo um pico na 3ª série e decaindo a partir da 6ª série. Essa informação mostra que o encaminhamento acontece tardiamente, a maioria na 3ª série, e que existe uma quebra do acompanhamento escolar de forma contínua e satisfatória a partir da 5ª série, o que pode prejudicar o desenvolvimento da aprendizagem ortográfica da criança. Já o segundo artigo, publicado em 2009 de autoria dos mesmos autores, também há a descrição dos achados ortográficos de crianças com problemas de aprendizagem. Desta vez, foi examinada a escrita de 64 sujeitos, entre 8 e 13 anos. O procedimento de ambas pesquisas, de 2008 e 2009, foi semelhante: a coleta do material escrito foi feita a partir de um ditado de palavras reais e inventadas, elaborado previamente para medir uma série de conhecimentos ortográficos, e de uma redação escolar com um tema específico. A partir dessa produção textual, foi verificado o nível de domínio da ortografia em situação de produção de escrita espontânea.

O material escrito proveniente dessa atividade foi coletado para avaliação e diagnóstico por um avaliador previamente orientado quanto à forma de propor a situação didática para obtenção do material. Os erros foram analisados de acordo com os critérios de Zorzi.

Em “*Relação entre indícios de disgrafia funcional e desempenho acadêmico*”, RODRIGUES et. al. (2009) buscaram analisar a influência da disgrafia no desempenho acadêmico de crianças. Os autores assinalam a escassez de estudos, em língua portuguesa, voltados para a aquisição e desenvolvimento da escrita. Escassez esta constatada também por nós para a elaboração deste estado arte. Este artigo é mais um estudo de caso acerca da problemática da disgrafia, a qual envolve habilidades perceptivas e motoras. Os pesquisadores selecionaram uma amostragem de 25 crianças, estudantes da 3ª série do ensino fundamental, sem histórico de déficit intelectual, e verificaram que das 6 crianças diagnosticadas com disgrafia, 4 delas tinham desempenho acadêmico inferior à média esperada, comprovando que problema na aquisição da escrita influenciam negativamente no desempenho escolar.

FERNÁNDEZ (2010) et al., em “*Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: Revisão da literatura*”, fazem uma espécie de estado da arte acerca do que define o déficit e do que os autores mais conhecidos da área classificam como desvios característicos de disortografia, como, por exemplo, erros de caráter linguístico- perceptivo, erros de caráter visual-auditivo, erros das sílabas de estruturas complexas, entre outros. Consideramos este artigo de grande pertinência para a discussão e análise da nossa futura pesquisa, pois, de maneira simplificada e pontual, os pesquisadores elencaram vários aspectos que norteiam o diagnóstico da disortografia, aspectos que serão muito caros à nossa pesquisa.

Outra pesquisa que ponderamos como pertinente para a discussão é a dissertação portuguesa “*Disortografia: compreender para intervir*”, de AFONSO (2010). Neste estudo de caso, o autor traz um relato detalhado de uma intervenção onde foram aplicadas diversas atividades com o foco na associação e reconhecimento de vários fonemas. Consideramos que esta pesquisa corrobora grandemente para o nosso estudo, visto que aponta caminhos possíveis que podem ser trilhados, com as devidas adaptações, em nosso estudo de caso.

CAPELLINI et. al. (2010) “*Função motora fina de escolares com dislexia, distúrbio e dificuldades de aprendizagem*” investigaram as diferenças do desempenho na aquisição da escrita em crianças com dislexia e outros distúrbios e dificuldades de aprendizagem. A pesquisa foi realizada com uma amostragem de 80 escolares da 2ª à 4ª série do ensino fundamental. Os autores dedicam-se ao tópico da psicomotricidade, com ênfase nas Função Motora Fina, Função Sensorial e Função Perceptiva. O bom desempenho destas três funções é essencial para que a criança desenvolva uma escrita espacialmente organizada e legível – evitando a Disgrafia – e

para que a associação letra/fonema ocorra sem muitos desvios – impedindo a ocorrência da Disortografia.

Já OKUDA et.al. (2011), em “*Função motora fina, sensorial e perceptiva de escolares com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade*”, desempenharam pesquisa semelhante: eles investigaram as diferenças do desempenho na aquisição da escrita em crianças com TDAH e em crianças sem alterações de comportamento. Embora o TDAH não esteja inserido no mote de nossa pesquisa, consideramos este estudo significativo, visto que se aprofunda na questão da disgrafia, um dos focos de nossa investigação.

O artigo “*Estudo analítico do conhecimento do professor a respeito dos distúrbios de aprendizagem*” mostra um aspecto importante para a discussão acerca desses tipos de distúrbios: “o que os professores sabem sobre eles?”. Neste estudo, LOPES e CRENITTE (2013) investigaram a concepção de professores acerca dos distúrbios de aprendizagem, buscando revelar diferentes aspectos referentes à maneira como percebem os déficits no cotidiano da sala de aula. Aos professores voluntários, um total de 25, todos atuantes na rede pública de São Paulo, foi ministrado um questionário, constituído de 18 questões fechadas, que abordavam a temática: conhecimentos dos professores sobre o distúrbio da linguagem oral, escrita e conhecimento da atuação do fonoaudiólogo. Verificou-se que os professores não conseguiam realizar com eficiência uma intervenção significativa para garantir a aprendizagem dessas crianças. Isso acontece porque eles desconhecem os distúrbios de aprendizagem, como Disgrafia e Disortografia, e não sabem como realizar mediações adequadas para que as crianças superem essas dificuldades, o que pode acarretar em alterações insatisfatórias no processo de aprendizagem dessas crianças.

Outro artigo relevante para embasar nosso estudo, dessa vez em relação à Disgrafia, é o estudo intitulado “*Rastreamento de disgrafia motora em escolares da rede pública de ensino*” também disserta sobre a disgrafia. Neste estudo, MARTINS et.al. (2013), diferentemente dos trabalhos já descritos neste estado da arte, investigaram os sinais de alerta para a disgrafia em 630 adolescentes matriculados e frequentadores do 6º ano do ensino fundamental. Os pesquisadores perceberam que mais da metade dos alunos possuíam alguma alteração de escrita, como letra ilegível, letras retocadas, padrões anormais e linhas flutuantes. Além disso, também se verificou indícios de disortografia.

A dissertação portuguesa intitulada “*Disortografia: A escrita criativa na reeducação da escrita*”, de 2013, consiste em um estudo de caso com uma criança de dez anos, a partir de atividades estratégicas de escrita criativa, a fim de provocar alterações no âmbito da composição escrita no que se refere à extensão do texto, organização, variedade semântica e sintaxe, e

redução da ocorrência de erros. Consideramos este estudo de bastante importância, visto que apresenta uma proposta fora do comum no estudo da disortografia, aliando ao trabalho com gêneros textuais.

Outro estudo mais extenso é a monografia “*Disgrafia: causas e estratégias de correção no ensino/aprendizagem*” (2015). Nesta pesquisa, MAGALHÃES discutiu em linhas a problemática da disgrafia e seus pontos negativos para o percurso educacional dos estudantes e analisou as respostas de questionários de 5 professores dos anos iniciais de uma escola do distrito federal. Nos dados, dentre outras informações, foi constatado que a maioria considerava saber o que é a disgrafia, mas que não costumava observar dificuldades nos alunos na realização das atividades relacionadas à Disgrafia. Mesmo não havendo intervenção com alunos, a pesquisa é importante por mostrar como professores se comportam diante do referido déficit.

Mais uma investigação que prioriza o papel do professor no cenário dos déficits de aquisição da escrita é o artigo de ALMEIDA et. al. (2015) “*Alterações da linguagem escrita de escolares em fase de alfabetização na visão de professores*”. Nele, procurou-se caracterizar, a partir das respostas oferecidas pelos professores, as alterações de aprendizagem que eles julgavam estar presentes nos alunos e identificar as queixas referentes à escrita frequentemente detectadas pelos 21 docentes, todos dos anos iniciais, que participaram da pesquisa. A partir dos resultados, concluiu-se que o atraso na aquisição da linguagem escrita pode prejudicar o processo de alfabetização que inclui a habilidade pragmática e a função expressiva.

PENTEADO (2016) em “*A disortografia como dificuldade de aprendizagem específica*” empreendeu um estudo em que discutiu a relação entre a disortografia e a alfabetização dos alunos dos 5ºs anos de duas escolas públicas de Auriflana (SP). Para chegar aos dados, foram aplicados questionários aos professores e atividades diagnósticas aos alunos a fim de observar se as prováveis tipologias de disortografia se relacionavam com os alunos cujos professores sinalizaram apresentar indícios de disortografia. Além disso, PENTEADO (2016) também acompanhou intervenções realizadas pelos professores titulares das classes a fim de verificar a possibilidade de reparação da dificuldade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos achados, percebemos que, embora exista uma ampla discussão acerca de transtornos de aprendizagem mais conhecidos, como a Dislexia, o debate acerca da disgrafia e da disortografia ainda é escasso. A maior parte dos estudos que tinham estas comorbidades como foco encontram-se na fase de identificação e de caracterização dos seus



indícios em crianças na etapa de aquisição da escrita. Poucas são as investigações que incluem uma ação interventiva a fim de modificar beneficentemente a realidade desses alunos. Isso não significa que não existam, pois elas podem estar em desenvolvimento.

A decisão de reunir e discutir os estudos em torno destes dois temas, como já afirmamos, veio da necessidade em saber em que estágio eles estão, ou seja, o que já foi descoberto referente à relação desempenho escolar e aquisição da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. O estabelecimento deste panorama servirá como base teórica para que possamos delimitar objetivos e metodologias mais consistentes para a nossa pesquisa e, assim, alcançar resultados que possam contribuir significativamente para a problemática.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, M. de L. P. **Disortografia: compreender para intervir**. 2010. p.116. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Escola Superior De Educação De Paula Frassinetti. Porto. Disponível: <http://hdl.handle.net/20.500.11796/740> Acesso em: 24 de julho de 2020
- ALMEIDA, G. V. M.; KOZLOWSKI, L. de C.; MARQUES, J. M. Alterações da linguagem escrita de escolares em fase de alfabetização na visão de professores. **Revista REFAC**. São Paulo. v.17, n.2, Mar/Abr., p.542-551, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v17n2/1982-0216-rcefac-17-02-00542.pdf> Acesso em: 23 de julho de 2020
- CALDEIRA, E.; CUMIOTTO, D. M. L. de O. Dislexia e disgrafia: Dificuldades na linguagem. **Revista Psicopedagogia**. Itajaí. v.21, n.65, p.127-134, 2004. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/revistapsicopedagogia.com.br/pdf/v21n65a05.pdf> Acesso em: 18 de julho de 2020
- CAPELLINI, S. A.; COPPEDE, A. C.; VALLE, T. R. Função motora fina de escolares com dislexia, distúrbio e dificuldades de aprendizagem. **Pró-Fono Revista de atualização científica**. v.22, n.3, p.201-208, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pfono/v22n3/a08v22n3.pdf> Acesso em: 19 de julho de 2020
- CASAL, C.J.F. **Disortografia: a escrita criativa na reeducação da escrita**. 2013. p.200. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Universidade do Porto. Porto. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61016383.pdf> Acesso em: 19 de julho de 2020
- FÁVERO, M. T. M.; CALSA, G. C. As razões do corpo: Psicomotricidade e disgrafia. **I Encontro Paranaense de Psicopedagogia**. Maringá, p.113-122, Out., 2003. Disponível em: https://www.unitins.br/bibliotecamidia/files/documento/bm_634045385567921250a13faver03.pdf Acesso em: 26 de julho de 2020
- FERNÁNDEZ, A. Y.; MÉRIDA, J. F. C.; CUNHA, V. L. O.; BATISTA, A. O.; CAPELLINI, S. A. Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: Revisão da literatura. **Revista CEFAC**. São Paulo, v.12, n.3, Mai/Jun; p.221-227, 2009. Disponível em:
- FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**. São Paulo, n. 79, p.257-272, Ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> Acesso em: 19 de julho de 2020
- LOPES, R. C. F.; CRENITTE, P. A. P. Estudo analítico do conhecimento do professor a respeito dos distúrbios de aprendizagem. **Revista CEFAC**. São Paulo. v.15, n.5, p.1214-1226, Out., 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v15n5/135-11.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2020
- MAGALHÃES, A. Disgrafia: causas e estratégias de correção no ensino/aprendizagem. 2015.p.25.Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília - UNB. Burtis. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/17172/1/2015_AniuzoMagalhaes_tcc.pdf Acesso em: 19 de julho de 2020

MARTINS, M. R. I.; BARTOS, J. A.; CECATO, A. T.; ARAUJO, M. de L. S.; MAGRO, R. R.; ALAMINOS, V. Rastreio de disgrafia motora em escolares da rede pública de ensino. **Jornal de Pediatria**. Porto Alegre. v.89, n.1, p.70-74, Jan/Fev., 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jped/v89n1/v89n1a11.pdf>. Acesso em: 19 de julho de 2020

OKUDA, P. M. M.; PINHEIRO, F. H.; GERMANO, G. D.; PADULA, N. A. de M. R.; LOURENCETTI, M.; SANTOS, L. C. A. dos; CAPELLINI, S. A. Função motora fina, sensorial e perceptiva de escolares com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. **Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. v.23, n.4, p.351-357, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jsbf/v23n4/v23n4a10.pdf> Acesso em: 23 de julho de 2020

PENTEADO, J. de O. A.; PADIAR, G.R. A disortografia como dificuldade de aprendizagem específica. **16º Congresso Nacional de Iniciação Científica**. 2016. Disponível em: <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2016/trabalho-1000022288.pdf> Acesso em: 23 de julho de 2020

PEREIRA, R. **Dislexia e disortografia - Programa de intervenção e reeducação** (Vol I e II). Montijo: Humanity Friends Book, 2009.

RODRIGUES, S. D. ; CASTRO, M. J. M. G.; CIASCA, S. M. Relação entre indícios de disgrafia funcional e desempenho acadêmico. **Revista CEFAC**. São Paulo, vol.11, n .2, Abr/Jun; p.221-227, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11n2/129-07.pdf> Acesso em: 22 de julho de 2020

ZORZI, J.L. Alterações ortográficas nos transtornos de aprendizagem. In: MALUF, M.I. (org.). **Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade**. Rio de Janeiro: Vozes; São Paulo: ABPp, 2006, 144-162.

ZORZI, J. L.; CIASCA, S. M. Caracterização dos erros ortográficos em crianças com transtornos de aprendizagem. **Revista CEFAC**. vol.10, n.3, p.321-331, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v10n3/v10n3a07.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2020

ZORZI, J. L.; CIASCA, S. M. Análise de erros ortográficos em diferentes problemas de aprendizagem. **Revista CEFAC**. vol.11, n.3, Jul/Set, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11n3/a07v11n3.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2020